Dia 14 — A Exaltação da Santa Cruz

Martirológio Romano

A Exaltação da Santa Cruz, quando o imperador Heráclio, havendo vencido o rei Cosroes, a trouxe da Pérsia a Jerusalém. (Veja-se esta história entre as deste dia.)

São Cornélio, papa e mártir, em Roma, na via Ápia; o qual, na perseguição de Décio, depois de haver sido desterrado, foi mandado açoitar com varas emplumbadas; e logo, juntamente com outros vinte e um, entre homens e mulheres, foi degolado.

São Cereal, soldado, e Salústia, sua mulher, instruídos na fé pelo mesmo São Cornélio, no mesmo dia foram também degolados.

O martírio de São Cipriano, bispo de Cartago, muito esclarecido em santidade e doutrina, na África: no tempo dos imperadores Valeriano e Galieno, depois de um cruel desterro, foi degolado junto ao mar, a seis milhas de Cartago. A festividade dos ditos santos Cornélio e Cipriano celebra-se no dia 16 deste mês.

Os santos mártires Crescenciano, Vítor, Rósula e Genial padeceram também na África (no mesmo sítio e dia que os santos Cornélio e Cipriano).

São Crescêncio, menino, filho de Santo Eutímio, em Roma; o qual, na perseguição de Diocleciano, por ordem do juiz Turpílio, foi degolado na via Salária. São Materno, bispo, em Trier, discípulo do apóstolo São Pedro; o qual converteu à fé católica os povos de Tongeren, de Colônia e de Trier, e outros circunvizinhos.

A gloriosa morte de São João Crisóstomo, bispo de Constantinopla, no mesmo dia; o qual, desterrado por conjuração de seus inimigos, havendo-o relevado do desterro por decreto do papa Inocêncio I, sendo maltratado no caminho pelos soldados que o custodiavam, entregou sua alma a Deus. Sua festa celebra-se no dia 27 de janeiro, em que seu corpo foi trasladado a Constantinopla por Teodósio, o Moço. (Veja-se sua vida no dito dia 27 de janeiro.)

A Exaltação da Santa Cruz

Instituiu-se a festa da Santa Cruz para celebrar a memória daquele dia em que o sagrado madeiro, sobre o qual Jesus Cristo, o Salvador do mundo, consumou a grande obra da redenção, foi solenemente restituído pelo imperador Heráclio a Jerusalém, de onde catorze anos antes o havia tirado Cosroes, rei da Pérsia. Atenta sempre a Igreja, e sempre solícita em render a este precioso instrumento todo o culto que por tantos títulos se lhe deve, instituiu esta festa em reverência da Santa Cruz, celebrando todos os anos as maravilhas que obrou em semelhante dia, que com razão se pode chamar o dia de seu triunfo.

Cosroes II, filho de Ormisdas, rei da Pérsia, subiu ao trono no ano 591 e foi tão desumano que mandou tirar a vida a seu próprio pai a cacetadas, para que fosse mais cruel e mais ignominioso o gênero de morte. Este detestável parricídio o fez tão odioso a seus vassalos que se viu precisado a buscar sua segurança na fuga. Refugiou-se em Constantinopla sob a proteção do imperador Maurício, que o recebeu com excessiva bondade e o restabeleceu em seu trono. Mas Focas, que de simples centurião havia ascendido aos primeiros empregos do exército, fez-se proclamar imperador no ano de 601; perseguindo Maurício até as cercanias de Calcedônia, primeiro mandou tirar a vida a quatro filhos seus diante do desgraçado pai e depois fez cortar a cabeça ao mesmo Maurício. Resolvido Cosroes a vingar a morte de seu insigne benfeitor, declarou guerra a Focas, entrou na Síria, apoderou-se da Palestina, da Armênia e da Capadócia, talando a fogo e sangue todo o Oriente até as mesmas portas de Constantinopla. Heráclio, filho do governador da África, animado com os clamores dos povos, que não podiam sofrer as violências do tirano, deu fundo com uma esquadra naval no porto de Constantinopla e, derrotadas as tropas de Focas, fê-lo prisioneiro e mandou-lhe cortar a cabeça. Foi Heráclio proclamado imperador no ano de 610 e não perdoou diligência alguma para fazer a paz com o rei da Pérsia; mas, orgulhoso este com a prosperidade de suas primeiras conquistas, desprezou todas as proposições do Imperador e voltou a começar suas irrupções nas terras do império. Entrou na Palestina, pôs cerco a Jerusalém no ano de 615, tomou-a e levou à Pérsia o tesouro mais precioso que os Cristãos tinham no Oriente, isto é, a Cruz em que havia morrido Jesus Cristo pela salvação de todos os homens; e, apoderando-se também de todos os vasos sagrados, levou igualmente à Pérsia um grande número de cristãos escravos, entre os quais foi o patriarca de Jerusalém, Zacarias, que nunca perdeu de vista o sagrado madeiro da Cruz. Levaram-na como em triunfo os infiéis à cidade de Ctesifonte, sobre o Tigre, pretendendo erigir nela um troféu à sua idolatria; mas a Cruz, ainda que ao parecer cativa em meio a seus inimigos, fez-se respeitar deles, não de outra maneira que em outros tempos a arca do Senhor em meio aos filisteus. Nenhum persa teve atrevimento para tocar aquele precioso penhor de nossa redenção, conservando-se sempre dentro da caixa ou do estojo de prata em que a havia mandado fechar Santa Helena, sem que toda a cobiça de Cosroes se atrevesse nunca a aproveitar-se dela por respeito àquela inestimável relíquia. Segunda vez lhe pediu a paz Heráclio, sujeitando-se às mais indecentes condições; mas o soberbo persa, inchado com suas vitórias, especialmente desde que o general Sarbazara, um dos mais acreditados de suas tropas, se havia apoderado de Calcedônia, cuja praça se considerava como arrabalde de Constantinopla, respondeu aos embaixadores de Heráclio que lhe concederia a paz com a precisa condição de que o Imperador e todos os seus vassalos cristãos haviam de renunciar a Jesus Cristo e não haviam de

reconhecer nem adorar outro deus que o sol, único deus dos persas. Horrorizaram-se os Cristãos ao ouvir tão ímpia proposição, e o imperador Heráclio, animado de uma justa indignação, declarou à presença de todos os seus oficiais que estava pronto a derramar até a última gota de seu sangue para vingar tão sacrílega como bárbara insolência. O clero secular, os mosteiros religiosos e todos os Cristãos ofereceram galhardamente ao Imperador seus bens para uma guerra tão justa, considerando-a já como guerra de religião; e, ajustando Heráclio a paz com o Cã dos ávaros, que o atacava por um lado da Trácia, pôs-se à frente de suas tropas e marchou direto à Pérsia. Estando já à vista do exército inimigo, tomou na mão uma milagrosa imagem do Filho de Deus, correu com ela as linhas, lembrando a seus soldados que iam pelejar por Jesus Cristo e que assim deviam pôr sua confiança no poderoso auxílio do Senhor Deus dos exércitos. Não os enganou esta confiança: deu-se a batalha; e os persas, ainda que muito superiores em número e tão acostumados a vencer, foram inteiramente derrotados. A campanha seguinte ainda foi muito mais gloriosa aos Cristãos; o Imperador bateu os persas em muitas ocasiões e obrigou Cosroes a abandonar a cidade de Gazaca, onde estava o célebre templo do fogo. Havendo entrado Heráclio na cidade, achou no palácio a estátua de Cosroes sentada debaixo de uma espécie de meia-laranja que representava o céu. Ao redor da estátua descobriam-se o sol, a lua e as estrelas, como também alguns anjos que estavam em pé com cetros de ouro nas mãos. Mandou o Imperador pôr fogo a este palácio, a este templo e a toda a cidade; de onde, prosseguindo em suas conquistas, entrou na Albânia e ali, movido de compaixão, deu liberdade a cinquenta mil prisioneiros que levava consigo e em breve tempo apoderou-se de muitas províncias.

Enquanto Heráclio adiantava suas conquistas no país inimigo, estava sitiada Constantinopla pelos ávaros, que haviam rompido a paz, e pelos persas, que se mantinham em Calcedônia; mas, acudindo os sitiados naquela extremidade à santíssima Virgem, foram ouvidas suas orações. O exército dos bárbaros pereceu, introduzindo-se nele uma espécie de contágio; e, fatigados por outra parte com as contínuas e vigorosas saídas da guarnição, levantaram o cerco. Vendo o Imperador que o céu se declarava visivelmente em seu favor, marchou a buscar Cosroes ainda que fosse no mesmo centro da Pérsia. Tardou muito pouco em encontrá-lo: ao princípio, como que os Cristãos se acovardaram à vista da superioridade do exército inimigo; mas Heráclio os animou levando sempre na mão a imagem de Jesus Cristo: «Eia, filhos, disse-lhes em breves razões, por Deus combatemos; cada um de vós vencerá a mil.» Com efeito, vieram às mãos os dois exércitos, Cosroes foi inteiramente derrotado, suas tropas feitas em pedaços, todos os seus oficiais prisioneiros e ele mesmo obrigado a salvar a vida com a fuga. Fez-se tão odioso o bárbaro Rei a todos os seus vassalos que o abandonaram; e, ainda que havia tentado deserdar Siroes, seu filho primogênito, para colocar no trono o segundo, aquele foi proclamado rei e mandou tirar a vida desumanamente a seu pai dentro da prisão, dispondo que o fizessem morrer a flechadas por espaço de cinco dias, para que fosse mais cruel e mais prolongada sua morte. Pediu depois a paz a Heráclio, deixando a seu arbítrio as condições, sendo a principal que restituiria a preciosa Cruz do Salvador, que havia catorze anos estava em poder dos persas dentro da cidade de Ctesifonte, e que poria em liberdade o patriarca Zacarias com todos os demais cativos cristãos. Aceitou Siroes todas estas condições, e o sagrado tesouro foi primeiro levado em triunfo a Constantinopla, saindo a recebê-lo todo o povo com ramos de oliveira e velas acesas, entoando hinos e cânticos. A Cruz do Salvador saiu do poder dos persas no ano de 628.

No seguinte, 629, embarcou-se o imperador Heráclio para restituí-la a Jerusalém e dar graças ao Senhor por suas vitórias. Facilmente se pode imaginar o concurso e o gozo dos fiéis quando viram que voltava a Jerusalém aquele sagrado madeiro, trono adorável das misericórdias do Salvador do mundo. Concorreram à santa cidade de todas as partes. O clero e o povo lhe saíram ao caminho, ansiosos e apressados todos por honrar o triunfo da verdadeira Cruz, que, por assim dizer, acabava de triunfar dos mais mortais inimigos do cristianismo. Quis o mesmo Imperador levar até o Calvário aquela sagrada carga, vestido das mais ricas e mais magníficas galas imperiais. Precedido do clero, acompanhado do Patriarca, rodeado dos grandes de sua corte e em meio a uma imensa multidão de povo, carregou sobre seus ombros a sagrada Cruz; mas, chegando à porta que sai ao Calvário, ficou estranhamente atônito, sentindo-se imóvel; e, vendo que não podia dar um passo, assombraram-se todos à vista daquele portento; mas o Patriarca descobriu logo a verdadeira causa. «Considerai, senhor, disse com respeito ao Imperador, se acaso essa púrpura imperial e essas pomposas galas que vos adornam são menos conformes ao pobre e abatido traje com que Jesus Cristo levou essa mesma Cruz e saiu por esta mesma porta para subir ao monte Calvário.» Penetrou imediatamente o Imperador o verdadeiro significado daquelas palavras e, movido de seu peso, despiu-se ao ponto de seus vestidos imperiais, descalçou os pés e, coberto de uma humilde túnica, descoberta a cabeça e despojado de toda insígnia imperial, caminhou sem dificuldade até o Calvário, colocou em seu lugar o sagrado madeiro e rogou ao Patriarca que, tirando-o da caixa ou do estojo, o mostrasse a todo o povo. Reconheceu o Patriarca os selos, que estavam intactos e inteiros; abriu o estojo de prata com a chave que se guardava no tesouro; e, havendo-o adorado, deu com ele a bênção aos fiéis; voltou a fechá-lo e a colocá-lo no mesmo sítio de onde catorze anos antes o haviam tirado os persas. Quis Deus exaltar a glória deste precioso instrumento de nossa redenção com pompa tão augusta, acompanhada de muitos milagres, no dia 14 de setembro do ano de 629. Depois o Imperador presenteou a igreja de Jerusalém com dons preciosíssimos para apagar até a memória das calamidades passadas; reparou os Santos Lugares; restituiu em suas dignidades o Patriarca e os demais ministros da Igreja, deixando em todas as partes ilustres monumentos de sua insigne piedade. Com o tempo ordenou-se que todos os anos se celebrasse uma solene festa em memória desta gloriosa restituição, a qual foi muito célebre, com especialidade no Oriente, e naquele dia concorriam peregrinos a Jerusalém de todas as partes do mundo.

Mas se deve advertir que muito tempo antes deste sucesso, assim na Igreja grega como na latina, celebrava-se uma festa com o nome de *Exaltação da Santa Cruz* no mesmo dia 14 de setembro, e era em memória daquelas palavras de Cristo falando de sua morte: «Quando eu for exaltado da terra, atrairei tudo a mim»: *Cum exaltatus fuero a terra, omnia traham ad me ipsum.* (Jo 12.) «Quando houverdes levantado o Filho do homem, conhecereis quem sou eu»: *Cum exaltaveritis Filium hominis, tunc cognoscetis quia ego sum.* (Jo 8.) O cardeal Barônio diz que foi exaltada a Cruz no tempo do imperador Constantino, o Grande, quando se deu liberdade aos Cristãos para pregar o Evangelho e para erigir igrejas públicas. Também se chamou a Exaltação da Santa Cruz aquela solenidade que com tanta magnificência e com tanto aparato se celebrou em Jerusalém quando a imperatriz Santa Helena encontrou o verdadeiro lenho de nossa redenção e o mandou colocar na magnífica igreja que a sua custa se edificou no Calvário, celebrando desde então a Igreja grega e latina uma solene festa no dia 14 de setembro com o título de Exaltação da Cruz. Faz menção desta festa o Sacramentário de São Gregório; o Pe. Canísio cita as palavras com que a anuncia o

Menológio dos gregos: *Exaltatio pretiosæ et vivificæ Crucis sub imperatore Constantino Magno*: A exaltação da preciosa e vivificante Cruz no tempo do imperador Constantino, o Grande. O autor da vida de Santo Eutíquio, patriarca de Constantinopla, que foi seu contemporâneo, refere que muito tempo antes do imperador Heráclio, voltando o santo Patriarca de seu desterro por ordem dos imperadores Justino e Tibério, passou por um mosteiro onde no dia 14 de setembro celebrou com muita solenidade a festa da Exaltação da Santa Cruz: *Postquam salutiferæ Crucis memoriam die quartadecima mensis septembris splendide celebravimus, monasterio benedixit.* Leôncio, bispo de Neápolis, na ilha de Chipre, escrevendo a vida de São Simeão, por sobrenome *Salos*, fala da festa da Exaltação da Santa Cruz, a qual se celebrava com grande solenidade e muito concurso de fiéis, como coisa estabelecida largo tempo antes do império de Heráclio: *Tempore Justiniani*, diz, *cum accederent ii qui Christi erant amantes, et pro more sancta Christi loca cupiebant adorare, quæ sunt in sancta civitate, in Exaltatione pretiosæ et vivificæ Crucis: norunt autem omnes, qui illic adesse consueverunt in hoc sancto, et omnibus laudibus celebrando festo, quod ex universo orbe terrarum multitudo populorum, quæ Crucem Christi diligit, etc.* Assim, pois, parece muito provável que o imperador Heráclio muito de intento escolheu o dia 14 de setembro para restituir a santa Cruz ao mesmo lugar de onde catorze anos antes a haviam tirado os persas, como dia consagrado já muito de antemão à exaltação da santa Cruz; e que, pela devoção e pela grande confiança que sempre teve nela o imperador Constantino, se determinaram os Sumos Pontífices a instituir esta festa particular.

Santa Catarina de Gênova, Viúva

Catarina, ou Caterinetta Fieschi Adorno, nasceu em Gênova no ano de 1447. Seu pai, Tiago Fieschi, morreu sendo vice-rei de Nápoles, no tempo de Renato de Anjou, rei da Sicília. Desde muito menina foi prevenida de copiosas bênçãos do céu e, por um privilégio singular da divina graça, pode dizer-se que desde seu mesmo berço se viu livre daquelas paixões de ira, impaciência e defeitinhos semelhantes com que costuma estar de ordinário inquinada a mais inocente infância. Ainda muito mais pasmoso e edificante era nela ver uma terna menina juntar à perfeita simplicidade de coração e obediência a seus pais um amor sério à oração, as práticas mais heroicas da própria negação e a devoção mais terna e fervorosa, especialmente à sagrada paixão de Cristo. Pelo testemunho mesmo dela se nos assegura que aos doze anos de idade já era favorecida de Deus na oração com socorros extraordinários sobrenaturais e iluminações do Espírito Santo. A experiência nos ensina que, por meio de uma obediência humilde e um fervoroso amor à oração, até a mais terna idade é capaz de grandes adiantamentos nos passos do amor divino e da virtude sólida, e que o Espírito Santo se deleita admiravelmente em comunicar-se àqueles que desde tão cedo lhe franqueiam seus corações. Mas, ao mesmo tempo que os atrai com o odor suave de seus unguentos, os prepara pelas provas mais severas, as quais oferecem ocasiões para o exercício das virtudes heroicas e aperfeiçoam a crucifixão dos apetites desordenados em seus corações. Assim experimentou Catarina a conduta da Providência divina.

Aos treze anos de sua idade desejou encarecidamente consagrar-se ao serviço de Deus no estado religioso, tendo por mais segura para ela a vida contemplativa e por mais conforme a suas inclinações. Mas, não havendo querido admiti-la as monjas de Santa Maria da Graça de Gênova,

onde tinha uma irmã mais velha professa, por sua pouca idade e delicada e débil compleição, teve que condescender com a vontade de seus pais, os quais, assim que chegou à idade de dezesseis anos, a colocaram em matrimônio com um jovem cavaleiro da mesma cidade de Gênova, chamado Juliano Adorno, com cujo matrimônio se quis assegurar a paz entre as duas famílias Fieschi e Adorno. Mas talvez de nenhum outro matrimônio se podiam temer mais fatais consequências que deste, atendida a contrariedade de costumes dos dois esposos; porque Juliano, embevecido nos descaminhos da juventude e cheio de ambição, ocasionou-lhe muitas aflições, que ela esteve padecendo por espaço de dez anos; e que, pelo bom uso que delas fez, contribuíram a aperfeiçoar sua santificação. Seu humor impaciente e áspero era causa de um contínuo exercício de sua paciência: a dilapidação de seu patrimônio e das riquezas que ela havia levado ao matrimônio aperfeiçoou o desprendimento de seu coração com o mundo, e a vida abandonada dele era para a mulher um perpétuo manancial de lágrimas com que pedia a Deus por sua conversão. Esta a conseguiram por fim suas orações, sua paciência e seu exemplo, porque seu marido, muitos anos antes de morrer, voltou a si, deixou a vida viciosa que levava e, venerando a santidade de sua consorte, viveu daí em diante com ela como um irmão com sua irmã e, tomando o hábito da Ordem Terceira de São Francisco, abraçou com fervor as penitências e mortificações próprias deste santo Instituto. No fim de seus dias, Santa Catarina o assistiu com indizível caridade e alcançou do Senhor a paciência necessária para sobrelevar com mérito o mal que o privou da vida no ano 1497.

Vendo-se nossa Santa livre da servidão do mundo e em estado de seguir suas inclinações de viver inteiramente para si e para Deus, esteve pensando algum tempo o melhor modo de pôr em execução seus santos desejos. Por fim, para unir a vida ativa na contemplativa e ter a felicidade de administrar a Cristo em seus membros mais necessitados, determinou dedicar-se ao serviço dos enfermos no grande hospital daquela cidade. Foi muitos anos madre superiora desta casa, assistindo continuamente aos pacientes com uma ternura inexplicável, exercendo por eles os ofícios mais humildes e limpando as úlceras mais asquerosas. Ao princípio muita dificuldade custou a nossa Santa vencer aquela repugnância que a natureza costuma ter em fazer alguns ofícios a respeito de certos enfermos; mas a perseverança lhe ganhou uma completa vitória sobre si mesma.

Sua caridade não podia estar cingida aos limites de seu próprio hospital; estendia seu esmero e solicitudes a todos os leprosos e a outras pessoas miseráveis que havia na cidade e destinava muitas pessoas para que indagassem com indústria infatigável onde havia enfermos e necessitados credores a socorro. Incríveis eram seus jejuns e outras austeridades: e toda a sua atenção a punha em negar a seus sentidos toda supérflua gratificação; e muito mais em humilhar seu coração e vencer sua própria vontade em todas as coisas. Ainda quando vivia no mundo com seu marido era regra e preceito que se havia imposto não escusar-se jamais quando a acusavam ou atribuíam alguma má ação, antes ajudar e esforçar a acusação, condenando-se a si mesma. Sua constante oração a Deus era que reinasse em seu coração seu puro e santo amor, com a extinção de todo apetite desordenado: em cujo sentido tomou por divisa sua aquela petição do Pai-nosso: *Seja feita a tua vontade.* A necessidade de uma mortificação universal e uma humildade perfeita para preparar o caminho a que o amor puro de Deus entre a reinar em nossos corações é a lição principal que repetia, e repete muitas vezes, nos dois principais tratados que escreveu, o primeiro intitulado *Sobre o Purgatório*, e o segundo chamado *Diálogo.* Nesta última obra pinta os efeitos

poderosos do amor divino numa alma e a doce suavidade e alegria que os acompanham frequentemente. Estes tratados de teologia sobrenatural não estão escritos para o comum do povo. Santa Catarina, pois, havendo sofrido o martírio de uma enfermidade prolixa e tediosa, em que por muito tempo não pôde tomar alimento algum, ainda que recebia diariamente a santa Comunhão, expirou com grande paz e tranquilidade, e sua alma passou ao centro de seu amor no dia 14 de setembro do ano de 1510, aos sessenta e dois de sua idade. O autor de sua vida conta alguns milagres com que se dignou Deus testificar aos homens a santidade de sua serva. Seu corpo foi tirado dezoito meses depois de sua morte e achado sem o mais leve sinal de putrefação. Desde então ficou exposto num monumento de mármore na igreja do hospital como corpo de Santa; e foi honrada com o título de Beata, que o papa Bento XIV mudou no de Santa, intitulando-a em seu Martirológio Santa Catarina de Fieschi Adorno.

São Cormac, Bispo de Cashel e Rei de Munster, na Irlanda

Chamam-no comumente filho de Cuillenan, e foi descendente do rei Engo, que foi batizado por São Patrício, e provavelmente primeiro bispo de Cashel. É muito celebrado pelos escritores irlandeses não só por sua muita sabedoria, mas por sua piedade, caridade, valor e magnificência; e o intitulam Santo, poeta e Rei. Morreu peleando contra Flan, rei de Meath e monarca da Irlanda, no ano de 908. Escreveu em irlandês uma história chamada o *Saltério de Cashel*, que ainda existe manuscrita, como nos diz Ware; e faz-se dele comemoração neste dia no Martirológio da Irlanda.

Hino

Vexilla regis prodeunt: veja-se o Domingo da Paixão, com exceção da sexta estrofe, que é como segue:

> *O Crux, ave, spes unica, Paschale quæ fers gaudium, Piis adauge gratiam, Reisque dele crimina.*

Saudamos-te, ó Cruz, firme esperança, que neste dia nos dás pascal contentamento; aos piedosos dá aumento de graça e o perdão de suas culpas ao réu alcança.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa Cruz, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos hodierna die Exaltationis sanctæ Crucis solemnitate lætificas: præsta, quæsumus, ut cujus mysterium in terra cognovimus, ejus redemptionis præmia in cælo mereamur. Per eumdem Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que cada ano neste dia nos renovais o motivo de alegria na solenidade da Exaltação da santa Cruz, suplicamo-vos que nos concedais que, assim como conhecemos o mistério na terra, assim também recebamos no céu o prêmio e os frutos da redenção que vosso Filho Jesus Cristo obrou nela. Pelo mesmo Senhor nosso Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 2 do apóstolo São Paulo aos Filipenses (o impresso diz «capítulo 11»).

Filipenses 2,5-11

> **Latim:** 5 Hoc enim sentite in vobis, quod et in Christo Jesu : 6 qui cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo : 7 sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo. 8 Humiliavit semetipsum factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis. 9 Propter quod et Deus exaltavit illum, et donavit illi nomen, quod est super omne nomen : 10 ut in nomine Jesu omne genu flectatur cælestium, terrestrium et infernorum, 11 et omnis lingua confiteatur, quia Dominus Jesus Christus in gloria est Dei Patris.

Português: 5 E haja entre vós o mesmo sentimento, que houve tambem em Jesu Christo: 6 o qual tendo a natureza de Deos, não julgou que fosse nelle huma usurpação o ser igual a Deos: 7 mas elle se anniquilou a si mesmo, tomando a natureza de servo, fazendo-se semelhante aos homens, e sendo reconhecido na condição como homem. 8 Humilhou-se a si mesmo feito obediente até á morte de cruz. 9 Pelo que Deos tambem o exaltou, e lhe deo hum nome que he sobre todo o nome: 10 para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos ceos, na terra, e nos infernos, 11 e toda a lingua confesse, que o Senhor Jesu Christo está na gloria de Deos Padre.

Reflexões

Segui as mesmas máximas que Jesus Cristo seguiu. Estas palavras do Apóstolo falam porventura somente com os filipenses? E que razão haverá para que o resto dos Cristãos se considerem isentos de tão saudável lição? Somos acaso nós menos discípulos do Salvador que aqueles a quem se dirigiu esta Epístola? Mas, se pretendemos salvar-nos, se desejamos ser verdadeiramente cristãos, podemos nem devemos pensar de outra maneira que como Cristo pensou? Podemos nem devemos admitir outras máximas nem outros princípios? Sobre só dois pontos gira toda a nossa Religião: sobre a moral e sobre o dogma, isto é, sobre o que devemos crer e sobre o que devemos obrar. É preciso crer todas as verdades da fé; mas é indispensável viver constantemente segundo todas as regras da moral cristã. Seguir a moral de Jesus Cristo sem ter fé é uma quimera. Crer tudo o que a fé nos ensina e não viver segundo as máximas do Evangelho é uma insigne loucura acompanhada de uma irreligiosa impiedade. Porque, na verdade, se se crê tudo o que nos ensina a Religião: amor de um Deus infinito, que infinitamente nos ama, que nos previne com um amor infinitamente terno, benéfico, incompreensível; a Encarnação do Verbo, mistério em que se confunde e se perde todo entendimento criado; vida de um Homem-Deus, pobre, desconhecido; trabalhos extremos, morte dolorosa e afrontosa de Jesus Cristo; redenção sobreabundante de todos os homens, sem que nem um só fosse excluído dela; feliz e bem-aventurada eternidade, pátria celestial, centro de todos os bens, única herança nossa; milagre contínuo do extremado amor de Jesus Cristo e de sua presença real na Eucaristia, nosso doce consolo e manancial inesgotável de nossa confiança; juízo terrível sobre a conformidade de nossa vida com a regra suprema dos costumes e com a inalterável verdade do Evangelho; dificuldades multiplicadas no único negócio que temos, que é o de nossa salvação; máximas do mundo essencialmente opostas à única regra dos costumes; espírito do mundo extremamente contrário ao espírito de Jesus Cristo; vida mortificada, vida penosa, vida pura, vida penitente, para que possa ser e se possa chamar vida cristã; este é o compêndio de nossa fé. Duvidar de um só artigo nesta matéria é ser infiel. Máximas do Evangelho, moral inalterável de Jesus Cristo; ter outra regra de vida é condenar-se, é ser réprobo, é ser desditoso e inteiramente perder-se. Estas são as máximas de Jesus Cristo; mas são estas as nossas? Esses grandes do mundo, esses homens de negócios, essas almas inteiramente carnais, essas mulheres teimosa e obstinadamente mundanas, entram nestas máximas? Estudam esta soberana, esta única regra de costumes? E são verdadeiramente fiéis todos os que hoje têm o nome de cristãos? Essas pessoas escravas de suas paixões, tristes vítimas do mundo; esses idólatras dos prazeres, que passam toda a vida na inimizade de Deus e em sua desgraça; esses cristãos de nome, opróbrio do cristianismo; porque muitos, como dizia São Paulo aos filipenses (cap. 3), e com mais razão o podemos dizer hoje, muitos seguem outro caminho muito diferente que o caminho do Evangelho. E estes são aqueles mesmos de quem vos dizia antes, e o repito agora com lágrimas nos olhos, que são inimigos da cruz de Jesus Cristo, cujo fim é a morte eterna, cujo Deus é seu ventre, que fazem vaidade do mesmo que os desonra e que só tomam gosto às coisas da terra. Todos aqueles que são originais deste retrato (e quantos o são, santo Deus!), governam-se pelas máximas do Evangelho? E estes tais terão bons fundamentos para esperar um fim ditoso? Oh meu Deus, e que prova tão palpável é a conduta da maior parte dos homens de que é muito curto o número dos escolhidos!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São João.

João 12,31-36

> **Latim:** 31 Nunc judicium est mundi : nunc princeps hujus mundi ejicietur foras. 32 Et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum. 33 (Hoc autem dicebat, significans qua morte esset moriturus.) 34 Respondit ei turba : Nos audivimus ex lege, quia Christus manet in æternum : et quomodo tu dicis : Oportet exaltari Filium hominis ? quis est iste Filius hominis ? 35 Dixit ergo eis Jesus : Adhuc modicum, lumen in vobis est. Ambulate dum lucem habetis, ut non vos tenebræ comprehendant ; et qui ambulat in tenebris, nescit quo vadat. 36 Dum lucem habetis, credite in lucem, ut filii lucis sitis. Hæc locutus est Jesus, et abiit et abscondit se ab eis.

Português: 31 Agora he o juízo do mundo: agora será lançado fóra o príncipe d'este mundo. 32 E eu quando for levantado da terra, todas as cousas atrahirei a mim mesmo: 33 (e dizia isto, para designar de que morte havia de morrer.) 34 Respondeo-lhe o povo: Nós temos ouvido da lei, que o Christo permanece para sempre: como dizes tu logo: Importa que o Filho do homem seja levantado? Quem he este Filho do homem? 35 Respondeo-lhes então Jesus: Ainda por hum pouco de tempo está a luz comvosco. Andai em quanto tendes luz, para que vosnão apanhem as trévas: porque quem caminha em trévas, não sabe para onde vai. 36 Em quanto tendes a luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz. Isto disse Jesus: e retirou-se, e escondeu-se d'elles.

Meditação

Sobre o amor dos trabalhos e cruzes

Primeiro ponto

Considera que é bem digno de admiração o pouco amor que se tem às cruzes e aos trabalhos, depois de nos haver ensinado Jesus Cristo os grandes tesouros que se encerram neles. Bem se pode dizer que são aquela pedra preciosa que, por comprá-la e possuí-la, vende tudo quanto tem o que conhece o que vale. É um tesouro escondido que faz ricos e felizes os que têm a dita de encontrá-lo. «Bem-aventurados os que choram, ditosos os que padecem, felizes os que passam a vida entre contradições e adversidades», diz o Salvador do mundo. Não se enganou o Filho de Deus quando nos deu estas lições, quando pronunciou estes oráculos. Cheio está o Evangelho destas verdades, tudo nos prega o que vale a cruz; a necessidade das cruzes, a incompreensível doçura dos frutos da cruz; além do exemplo de Jesus Cristo, temos também o dos Santos. Todos amaram as cruzes: muitos deram ou abandonaram todos os seus bens por encontrar este campo

fértil em abrolhos e todo coberto de espinhos. A não poucos se viu pedir a Deus ou morrer ou padecer, desejando a vida precisamente para ter mais que sofrer. A outros se ouviu exclamar: «Alargai-nos, Senhor, a vida, mas prolongai os trabalhos.» Enfim, não faltaram alguns que, não contentes com estes, pediram ao Senhor que lhos temperasse com os abatimentos e com os desprezos: *Pati et contemni pro te.* Este foi o sentir dos Santos em ordem às cruzes. Quanta diferença há, bom Deus, de sua opinião à nossa! Têm-se por desgraças as adversidades, faz-se quanto se pode por evitá-las e foge-se delas como de infortúnios e de contratempos. Mas de onde nasce este desgosto, e até este horror, com que se olham as cruzes? Não de outro princípio que de nossa pouca fé, de nosso pouco amor de Deus e do império que tem o amor-próprio em nossos corações. Tem-se uma fé titubeante, uma fé lânguida, uma fé morta ou moribunda: isto nos impede compreender bem os oráculos de Jesus Cristo e penetrar todo o seu mistério. Ama-se a Deus especulativamente, e daqui nasce o pouco valor para imitá-lo e para segui-lo. Cada qual se ama a si mesmo; é vil escravo de suas paixões, nada mais que um homem inteiramente carnal; faz pouco papel, pode muito pouco a Religião nem em nosso entendimento nem em nosso coração; só se defere ao ditame dos sentidos, só se consulta o amor-próprio. Esta é toda a razão por que não se amam as cruzes. Mas, se a cruz é o único caminho que guia direito ao céu; se foi conveniente que o mesmo Salvador padecesse para entrar na glória, seus verdadeiros servos e os que se prezam de discípulos seus entrarão nela por outro caminho?

Segundo ponto

Considera que somente deixam de amar a cruz aqueles que não gostaram seus frutos. O nome só de cruz espanta; mas a quem? Aos homens do mundo, criados e submergidos em gostos e diversões; aos escravos das paixões e dos sentidos; a essas gentes inteiramente entregues à delicadeza e ao regalo. Estes são os que clamam contra as cruzes; os que se estremecem só com ouvir falar delas. Mas *gustate et videte*, diz o Profeta; gostai primeiro os frutos e depois podereis fazer juízo se vos deveis governar pela casca; então vereis se é verdade que nas adversidades só se encontra dor, tristeza e amargura. Aqueles que os gostaram sabem por uma ditosa experiência que essas aparentes amarguras estão temperadas de doçíssimos consolos. É verdade que os sentidos, por assim dizer, estão em desgraça; que o natural geme oprimido; que o amor-próprio padece estranhos suplícios; mas quê, não se leva em conta aquela virtude onipotente, aquela suavíssima unção da divina graça, em força da qual se encontra um requintado consolo, um gosto particular em tudo aquilo que sujeita o amor-próprio e mortifica os sentidos? Não se leva em conta aquele suavíssimo gozo que se experimenta em vestir a libré de Jesus Cristo, em ser tratado como filho da casa e não como escravo? Não se leva em conta aquela segurança que se tem de morrer com alegria quando se viveu com aflições e se teve cuidado de santificar as cruzes e os trabalhos? Bem se pode dizer que no penoso exercício destes se experimenta uma coisa muito parecida à que se notava no martírio daqueles heróis cristãos, cuja memória nos é de tanta veneração. Persuades-te porventura que os deixou Deus abandonados a toda a viveza da dor, a todo o rigor dos tormentos, a toda a raiva e a todo o furor dos tiranos? Mas quem jamais houvera podido naturalmente resistir àquela infinita multidão de crueldades e de barbaridade que inventou o inferno para atormentar os Cristãos? Aquele grande Deus, que permitia que seus fiéis e queridos servos fossem tão atormentados, sabia muito bem recompensá-los, adoçando-lhes seus tormentos e suas penas. Viam-se muitas pessoas jovens, ternas e delicadas zombar dos tormentos e

transbordar sua alegria em meio aos mais bárbaros suplícios. Viam-se homens, mulheres e velhos triunfar de gozo e sentir no interior de suas almas um consolo que, por assim dizer, encantava toda a vivacidade dos suplícios que se executavam em seus corpos. Os mesmos pagãos, que ignoravam o mistério, estavam aturdidos e atribuíam a encantamento o que era efeito da graça do Redentor e da onipotência de nosso Deus. É verdade que também a graça tem seus encantos, mas muito diferentes dos que usa o demônio. Pois isto mesmo, pouco mais ou menos, sucede também hoje com os que vivem entre trabalhos e cruzes. Cuida Deus de aliviar o peso, de adoçar a amargura e de embotar as pontas. Com razão se pode dizer que as adversidades, as cruzes, as aflições, a pobreza e as desgraças sucederam no cristianismo às perseguições dos tiranos. A vida dos que vivem em cruz é certa espécie de martírio surdo; mas nem por isso obra Deus menos milagres neles: não se opõem menos à natureza e aos sentidos os trabalhos e as adversidades que as fogueiras e cadafalsos; mas tampouco é menor o cuidado e a bondade de Deus com os atribulados de nossos dias que com os Mártires de outros tempos. Amemos as cruzes, e nas cruzes acharemos nossas delícias.

Fazei, Senhor, que eu compreenda bem este mistério e que faça por mim mesmo a experiência. Dai-me este amor santo da cruz, e terei infalivelmente o vosso. Nunca poderei amar a cruz sem amar o que esteve encravado nela.

Jaculatórias

Não permita Deus que me glorie de outra coisa que da cruz de meu Senhor Jesus Cristo. (Gl 6.)

Sim, Senhor, toda a minha alegria a coloco nas aflições, nos opróbrios, nas misérias, nas perseguições e nos desgostos que padeço por amor de Jesus Cristo. (2 Cor 12.)

Propósitos

1. Muitos acha Jesus hoje, diz o autor do livro da *Imitação de Cristo*, que suspiram por seu reino celestial; mas muito poucos que queiram levar sua cruz. Muitos desejam os consolos; mas a poucos agradam os trabalhos. Muitos desejam ter parte em seus gozos; mas poucos são tão generosos que queiram participar de seus tormentos. Muitos o seguem à mesa até partir o pão; mas poucos até beber o cálice de sua paixão. Muitos o amam quando estão contentes e quando derrama sobre eles suas bênçãos; mas, a pouco que os aflija, deixam-se levar do abatimento e da tristeza. Não sejas tu destes servos covardes e interesseiros. Não podes amar a Cristo crucificado se não amas também a cruz. Nunca ponhas os olhos em teu Crucifixo sem ouvir a exortação que te faz a que o imites em seus tormentos. Em todas as partes se tem à vista o Crucifixo, no oratório, em frente à cama, no altar, e com tudo isso este sagrado objeto faz pouca impressão nos que o olham. Seja de agora em diante o Crucifixo teu diretor e teu mestre. Ama a cruz, e amarás a Jesus Cristo crucificado.

2. Em todas as partes nascem as cruzes, até no mesmo trono. Não pretendas arrancá-las, mas fazê-las meritórias. Lembra-te de que sempre são efeito da misericórdia e da bondade de teu Deus. Sucedendo-te algum trabalho, não deixes de dar-lhe graças imediatamente com alguma breve oração, ainda que não seja mais que com um *Glória ao Pai*. Nunca tenhas outra linguagem com teus amigos, com teus filhos e com teus criados. Inspira a todos o amor às cruzes, singularmente com teu mesmo exemplo.

As Dores de Maria Santíssima

No domingo terceiro de setembro celebramos a festa das Dores de Nossa Senhora. — Uma das qualidades que mais enobrecem a Espanha e que exaltam seu mérito entre as maiores nações do mundo é, além de seu catolicismo, a terna devoção que sempre manifestou à Rainha dos Anjos. A feliz situação de que goza esta Península, a fecundidade de seu terreno, a amenidade de seus vales, a frescura de seus montes e a riqueza de suas minas, que em tantas ocasiões foram o objeto da avareza das nações guerreiras, tudo é menos que o ter em seu seio umas criaturas racionais que, reconhecidas a seu Criador, adoram suas sábias disposições, professam o Evangelho que pregaram os Apóstolos e põem seus maiores esmeros em celebrar as grandezas daquela Virgem ditosa que teve em seu ventre o Unigênito de Deus. A Espanha, como as demais nações, celebrou sempre os mistérios da santa Virgem, adiantando-se a muitas delas à proporção que foi maior a santidade dos Prelados que a governaram e maiores as causas que a Rainha dos Anjos lhes deu para manifestarem-se agradecidos. Ainda que não tivesse multiplicados testemunhos desta verdade em todas as igrejas, bastaria um Santo Ildefonso, arcebispo de Toledo, para autorizá-la; suas obras manifestam o grau de devoção e de ternura que tinha este santo Prelado para com a santa Virgem; e assim mesmo manifesta a história de sua vida quão bem lho pagou a Senhora, dignando-se descer do céu para pôr-lhe com suas mãos uma sagrada vestidura.

Sem embargo da multiplicidade de festas que a Igreja da Espanha tem dedicadas à Mãe de Deus, com a circunstância de haver tido seu princípio nesta região muitas delas; sem embargo da solenidade e pompa com que se celebram infinitas oitavas a todos os seus mistérios; sem embargo, enfim, de que não há cidade, povo nem aldeia em que não haja alguma imagem dolorosa da Rainha dos Anjos que seja venerada com especial devoção; com tudo isso parece que o espírito desta nação piedosa, reunido no coração de seus católicos monarcas, não achava ainda todo o desafogo que requeria seu amor e sua devoção fervorosa. Consideravam os espanhóis as dores da Virgem no tempo em que toda a Igreja estava anegada em lágrimas pela representação das de seu santíssimo Filho. Desejava-se, portanto, querendo entregar-se unicamente à contemplação das acerbíssimas penas que traspassaram o coração de Maria ao tempo em que os pérfidos judeus consumaram o mais atroz dos delitos no Calvário, que as dores de Maria tivessem uma festividade particular em tempo mais desocupado. O animoso rei Filipe V, que juntava a um mesmo tempo todas as qualidades de um valoroso soldado com as de um cristão piedoso, encarregou-se de solicitar da Sé apostólica a consecução desta graça. Propôs-se por modelo o fervor da religião dos Servos de Maria, cuja devoção em celebrar as dores desta soberana Rainha é bem notória por todo o mundo cristão. Suas preces tiveram todo o efeito desejado; pois, havendo precedido o parecer favorável da sagrada Congregação dos Ritos, dado a 17 de setembro de 1735,

nosso santíssimo Padre Clemente XII concedeu no dia 20 do mesmo mês e ano este consolo a toda a Igreja da Espanha. Em consequência, devem ocupar-se os fiéis neste dia na devota consideração das dores da Rainha dos Anjos, tendo presentes os testemunhos da santa Escritura que as comprovam, os ditos dos santos Padres que as testificam e as considerações dos varões piedosos que as ponderam.

Em dois distintos lugares das sagradas Escrituras se faz menção das acerbas penas que afligiram o inocente coração da santa Virgem. O primeiro no capítulo segundo de São Lucas e o segundo no dezenove de São João. O primeiro contém uma profecia do santo ancião Simeão, em que lhe certificava que sua alma havia de ser traspassada com uma espada; e neste instante a santa Virgem, que sabia muito bem as Escrituras, viu num golpe de vista os terríveis tormentos que seu Filho havia de padecer e as acerbas penas que haviam de ressoar em seu coração. Naquele ponto se lhe representaram as pinturas horrorosas que Isaías faz de Jesus Cristo paciente. Já o via humilhado, escarrado e esbofeteado, sem figura de homem: outras vezes se lhe representava como um manso cordeiro que, sem abrir a boca, ia ser sacrificado pelos pecados do mundo. Naquele instante pôde exclamar com Jeremias: «Vede, Senhor, a tribulação que padeço: meu coração se transtornou dentro do peito, porque estou cheia de amargura.» Mas tudo isto era inferior à dor que padeceu depois na paixão sangrenta de seu Filho, quanto vai da imaginação à verdade. Assim as dores de Maria, assistindo à cruz de seu Filho paciente, têm o aspecto mais terrível que podem ter, e assim no-la representou São João. Este sagrado Evangelista, exatíssimo em referir as miudezas da paixão de seu Mestre, chega a falar do tormento que ao mesmo tempo padecia sua Mãe e contenta-se com dizer somente que, ao tempo de morrer seu Filho, estava junto à cruz. Mas nisto mesmo se contém tanta matéria para considerar a intensão das dores de Maria que mal tem havido escritor piedoso que tenha podido esgotar em seus escritos todo o amargo cálice que bebeu então a Senhora. Sem dúvida suas dores nesta ocasião excedem a compreensão do entendimento humano e somente se podem chegar a perceber com algumas considerações piedosas.

Ainda que não fixemos, pois, a consideração naquele encontro doloroso, que consideram os contemplativos e afirma algum outro Padre; ainda que não pensemos sobre a terrível dor que penetrou o coração virginal quando viu, entre imensas tropas de gentes, o bendito Jesus levar sobre seus ombros, feito um verdadeiro Isaac, o lenho onde havia de ser sacrificado; ainda que apartemos os olhos do quebranto que padeceu quando, cumprindo-se uma profecia, viu o Sol de justiça coberto de negras sombras e convertida em sangue a Lua cheia de graça e de amargura; somente com olhá-la no cume do monte sagrado e verdadeiro outeiro de Maria basta para conhecer o mar de penas, a tempestade furiosa que combate seu espírito e quase a submerge no profundo. Discorra-se uma por uma por quantas penas sofreram os Mártires; considerem-se a espada de um Paulo, os leões de um Inácio, as grelhas de um Lourenço, as rodas, os potros, as cruzes, a escarnificação e morte de um Vicente, de uma Eulália, de um Justo e Pastor, e achar-se-á que todos os seus tormentos são, em comparação dos de Maria, o que uma folha num monte, uma gota de água no mar, um grão de areia na terra e um átomo pequeno comparado com o imenso espaço do globo celeste. Aquela magnanimidade e fortaleza com que quer ver morrer seu Ismael, não debaixo da árvore, mas pendente dela diante dos olhos do universo, despedaçam suas entranhas com instrumentos mais cruéis que o fogo, o potro e a faca. Sua mesma fortaleza a faz penetrar a todo risco a guarda dos soldados até chegar ao funesto teatro onde se representou a

mais horrível tragédia que imaginaram jamais a crueldade, a inveja, a ingratidão e o despeito. Nesta situação poder-se-lhe-ia reconvir à Senhora com aquelas palavras do real Profeta que dizem: «Lembrai-vos de que o homem inimigo desafiou com ousadia seu Senhor e determinou à força de impropérios irritar seu santo nome»; mas o amor de Maria é magnânimo e mais poderoso que a mesma morte. Nenhuma reconvenção será capaz de fazer que perdoe dor alguma a seu inocente coração. Posta no monte de mirra, prova e esgota todo o cálice e amargura que lhe está preparado. Não recusa as dores; antes padece com seu Filho para benefício do gênero humano.

Já vê com seus mesmos olhos umas mãos atrevidas que, agarrando as roupas tingidas de sangue, despojam o inocente Jesus: já vê que com uma raivosa fúria lhe tiram a túnica inconsútil, obra de suas mãos virginais, e que, renovando as chagas de seu sagrado corpo e cabeça, começam a correr de novo arroios de sangue por seu divino rosto: já, enfim, aparece Jesus Cristo nu, sem mais auxílio para a decência que a que tem o homem por si mesmo quando acaba de sair das mãos da natureza, como diz Santo Ambrósio. E a mãe de honestidade e de pureza, cujos olhos castíssimos infundiam decência, penetrando seus olhares os secretos seios das almas; aquela que, entre todas as mulheres, foi a primeira que deu à virgindade um preço inestimável e quase infinito, como teria seu coração, vendo seu Filho, virgem dos virgens, numa nudez tão afrontosa e à vista de tão inumerável multidão de gentes! Se o temor da nudez pôde tanto em uns peitos virginais, ainda que gentios, que ele só bastou para conter os horrendos suicídios que maquinava a fúria de um frenesi nas donzelas de Samos, quanto sentimento causaria no espírito da Virgem puríssima ver seu Filho nu e que este opróbrio era celebrado com risadas desmedidas e baldoado com impropérios e blasfêmias! Cravados seus formosos olhos no endurecido céu, estaria suspenso seu espírito, admirando os inescrutáveis conselhos e adoráveis fins da justiça do eterno Pai. Suspensão ditosa, se a fúria dos homens permitisse continuá-la! Mas já ouve o ruído dos martelos e percebe como estão cravando seu Filho no madeiro da cruz. Soam em seus ouvidos os estalidos com que estalam os ossos do peito sacratíssimo ao tempo que entre inefáveis dores se deslocam. Já vê que, comovendo-se o povo, alçando-se uma estranha gritaria, levantavam em alto a cruz para deixá-la fixa no chão. Que dor tão aguda a da benditíssima Virgem neste ponto! Que tormento o seu quando viu que, cravado Jesus ao madeiro e movendo-se de um ao outro lado, se desgarravam mais e mais as sangrentas feridas! Que sentimento ao ver cair fio a fio o sangue divino sobre as pedras do Calvário e até sobre os mesmos que o crucificavam, cujos pecados estava lavando com ele! Que angústia, enfim, a daquele inocentíssimo coração quando viu já Jesus coberto de opróbrios e feito o varão de dores, como havia profetizado Isaías! Seu coração ficou transtornado de dor: a espada de seu Filho lhe atravessava a alma no exterior e dentro de seu espírito estava a imagem da mesma morte. *Subversum est cor meum in memetipsa, quoniam amaritudine plena sum; foris interficit gladius, et domi mors similis est.*

Nada há já em toda a natureza que possa dar consolação à aflita Senhora. Se fixa os olhos na terra, vê os copiosos arroios de sangue que manam das feridas do Crucificado: se os quer levantar ao céu, estrelam-se imediatamente com seu lastimado Filho: se olha para a multidão de chusma que povoa o Calvário, suas risadas e suas blasfêmias atormentam os olhos e os ouvidos; e, se se detém a contemplar, oferecem-se-lhe um por um os membros dilacerados de Jesus, em que não vê mais que salivas asquerosas, palidez, hematomas, feridas, sangue, horror e morte. Sua alma mesma lhe serve de tirano, porque a memória lhe lembra os imensos benefícios que pagam agora os ingratos homens com uma afrontosa morte: seu entendimento lhe representa a suma inocência de Jesus

Cristo e a infinita injustiça com que os homens o condenaram, faz-lhe conhecer que é verdadeiro Deus, que descendeu do eterno Pai, com quem é uma substância e a mesma santidade por essência. E vê que este inocente, este benfeitor, este Rei dos reis, este Senhor de tudo o visível e invisível, este Deus onipotente, eterno e imortal é tratado como louco, embaidor, revoltoso, tirano e mais facínora que os mais depravados filhos das trevas. Vê o resplendor da luz eterna trocado em negras sombras de opróbrios. Vê a Sabedoria infinita tratada de necedade e ignorância; a comida dos Anjos convertida em fel e mirra; o poderoso que cinge a espada de sua virtude sobre sua coxa, abatido e derrocado aos pés da escória do povo; o Esposo todo formosíssimo sobre os filhos dos homens, amabilíssimo sobre o amor mais aceso e abrasado e dulcíssimo mais que o favo de mel formado no monte do Líbano, afeado, desprezado, escarrado e feito o opróbrio e a fábula da malignidade e do desprezo. E isto com que desumanidade! Com que afronta! Com que escândalo dos céus e da terra! Até deixar o corpo de Jesus Cristo sem sanidade e sem figura de homem: até fartar uma fome infinita de padecer e fazer transbordar os opróbrios, segundo a frase de um oráculo divino: *Saturabitur opprobriis.*

Todos estes tormentos, todas estas dores as padecia Maria em qualidade de mãe, e mãe a mais terna e sensível que se pode imaginar. Esta qualidade faz suas dores de uma esfera tão superior que mal cabe no humano entendimento, porque constitui o amor por um dos principais agentes de sua pena e amargura. O mesmo Deus caracteriza nas santas Escrituras o amor maternal por superior a todos os amores, segundo a expressão do Espírito Santo: é a hipérbole da dor a que padece uma mãe pela morte de seu filho unigênito; e desta verdade há testemunhos repetidos nas sagradas e profanas histórias. Jacó chora sem consolo seu desgraçado José: Resfa não pode ver perecer diante de seus olhos o fruto de suas entranhas: Davi povoa os ares de vozes lastimeiras e gemidos por seu filho Absalão: Pompeia Tiburnia vê as roupas de seu filho tingidas de sangue e o acompanha no eterno sonho da morte: Emília, filha de Valério Torquato, ouve que seu filho andava entre as espadas inimigas e custa-lhe a vida este perigo. Estes exemplos de amor maternal podem dar alguma ideia da sensação que causaria na Mãe de Deus ver a morte de seu Filho; mas sempre é necessário advertir a grande diferença que há de filhos e de mães. O Filho de Maria é amável sobre todos os bens: é digno com dignidade infinita sobre tudo o visível e invisível: é a mesma inocência, todo amoroso, todo doce, todo bom, todo apacível. Maria é semelhante em tudo a seu Filho: seu coração é o centro da compaixão e misericórdia; seu gênio é a mesma apacibilidade e doçura; sua alma, a mais amável, a mais branda, a mais terna e sensível, é a matéria melhor disposta para padecer. A consideração de que seu Filho é Deus abre as portas ao sentimento; o sumo amor que como a tal lhe professa forma uma torrente imensa; as graças quase infinitas que pela dignidade de Mãe de Deus derramou o Espírito divino sobre sua alma empregam-se sem intermissão em alargar as margens a esta torrente; e a afronta e desumanidade com que vê padecer seu Filho formam um profundo abismo de águas amargas de tribulação e de desconsolo: vê que perde um Filho infinitamente mais amável que todos os filhos dos homens; um Filho a quem ama, não somente com o amor natural da mãe, mas com o que lhe devia ter por havê-lo concebido sem mais intervenção que a do Espírito Santo. Perde um Filho que é todo seu, que, assim como foi eternamente gerado sem mãe, o havia sido também em tempo sem pai, de só suas virginais entranhas; e a este Filho tão amado ouve naquele triste sítio: «Tenho sede», e não lhe pode dar uma só gota de água: vê que não tem onde apoiar sua cabeça e não lhe pode servir de genuflexório: vê-o morrer, finalmente, e não lhe pode dar amparo.

Parece que as dores de Maria não podiam já chegar a maior extremo; sem embargo, via seu santíssimo Filho ainda vivo, e uma vida tão preciosa, ainda que cheia de tanta humilhação, não podia deixar de dar algum consolo a sua alma. Ia já Jesus a expirar quando advertiu que lhe fixava a vista como para dizer-lhe alguma coisa; e, quando podia esperar que com algum terno e doçíssimo colóquio fortalecesse seu angustiado coração, viu que, assinalando São João Evangelista, lhe disse com desmaiada voz estas palavras: «Mulher, eis aí teu filho.» Os Santos não acabam de ponderar o acerbo da dor que foram estas palavras para Maria, que ficou toda absorta e surpreendida ao ouvir-se chamar mulher em lugar de mãe e que lhe dava por filho um puro homem em lugar do Unigênito de Deus. Mas, por grandes que fossem suas amarguras neste ponto, dobraram-se todas quando advertiu que o rosto sacratíssimo de Jesus, mais formoso que os de todos os homens, se cobria da palidez e sombra da morte, que se lhe quebravam os olhos que eram o resplendor da luz eterna e que, desmaiando pouco a pouco o alento, ia dar o último suspiro: quando, finalmente, viu que, demudado tudo e clamando com uma grande voz a seu eterno Pai, exalou sua santíssima alma, consumando a grande obra da redenção do mundo, aqui foi o último desconsolo de Maria; aqui se acabou de enlutar seu coração; e aqui se verificou o que diz o abade Ruperto, isto é, que foi mais que mártir. E São Bernardino de Sena chegou a dizer que foi tão extremada sua dor que, se se chegasse a dividir entre todas as criaturas sensíveis, todas pereceriam ao momento. Ó desconsolada Senhora! Para onde voltareis já vossos olhos que não encontrem motivos de sentimento? Vossos amigos vos desampararam e converteram-se em vossos mais cruéis inimigos. A terra vos assusta com tremores espantosos; o ar vos atormenta com os ecos das blasfêmias; o céu se vos oculta com negras e espessas trevas; o sol escurecido nega suas alegres luzes, e até o eterno Pai se faz surdo aos suspiros de vosso coração e vos deixa com vosso Filho submergida nas ondas furiosas do mais triste desamparo. Tanta multidão de dores move a exclamar com São Boaventura: «Oh coração suavíssimo, centro de amor, por que te converteste em coração de dor! Miro teu coração, ó mãe amabilíssima, e já não é coração, mas amargo fel e coração de absinto.» (Veja-se a Sexta-feira da Paixão nos Domingos e os Sete Servos de Maria no mês de fevereiro.)

Hino

> *O quot undis lacrymarum, Quo dolore volvitur, Lugubris de cruento Dum revulsum stipite Cernit ulnis incubantem Virgo Mater Filium!*
>
> *Os suave, mite pectus, Et latus dulcissimum, Dexteramque vulneratam, Et sinistram sauciam, Et rubras cruore plantas Ægra tingit lacrymis.*
>
> *Centiesque, milliesque Stringit arctis nexibus Pectus illud, et lacertos, Illa figit vulnera, Sicque tota colliquescit In doloris osculis.*
>
> *Eja, Mater, obsecramus Per tuas has lacrymas, Filiique triste funus, Vulnerumque purpuram, Hunc tui cordis dolorem Conde nostris cordibus.*

> *Esto Patri, Filioque, Et coævo Flamini, Esto Summæ Trinitati Sempiterna gloria, Et perennis laus, honorque, Hoc, et omni sæculo. Amen.*

Oh, quantas lágrimas verte e que grande dor traspassa a Virgem Mãe quando vê o Filho de suas entranhas, que, deposto da cruz, em seu seio se lhe deita.

Aquela boca suave, aquele peito, forja de amor, o lado atravessado, ambas as mãos desgarradas e os pés ensanguentados, com lágrimas rega amargas.

Mil vezes seu peito e braços aperta estreitamente: em seu coração imprime aquelas sagradas chagas e, entre ósculos de dor, derrete-se em vivas ânsias.

Eia, Mãe, rogamo-te, pelas lágrimas que manam de teus olhos, pelo sangue de teu Filho sacrossanto, pela sua morte, que em nós teu grande dor repartas.

Seja ao Pai, seja ao Filho, seja ao que é divina Chama, seja à Trindade suma, por sempre glorificada, e em todos os séculos, e neste, ouça perene louvor. Amém.

Missa (oração)

A missa é própria da festividade, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, in cujus passione, secundum Simeonis prophetiam, dulcissimam animam gloriosæ Virginis et Matris Mariæ doloris gladius pertransivit: concede propitius, ut qui transfixionem ejus et passionem venerando recolimus, gloriosis meritis et precibus omnium Sanctorum cruci fideliter astantium intercedentibus, passionis tuæ effectum felicem consequamur. Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, em cuja paixão a espada de dor atravessou a doçíssima alma de vossa gloriosa Virgem e Mãe Maria, como Simeão havia profetizado, concedei-nos, piedoso Senhor, que os que renovamos a memória de suas dores para oferecer nossos cultos cheguemos a conseguir o venturoso efeito de vossa paixão pela intercessão e méritos de todos aqueles Santos que assistiram com fidelidade ao Redentor na cruz. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 13 do livro de Judite.

Judite 13,22-25

> **Latim:** [22] Universi autem adorantes Dominum, dixerunt ad eam : Benedixit te Dominus in virtute sua, quia per te ad nihilum redegit inimicos nostros. [23] Porro Ozias princeps populi Israël dixit ad eam : Benedicta es tu, filia, a Domino Deo excelso præ omnibus mulieribus super terram. [24] Benedictus Dominus, qui creavit cælum et terram, qui te direxit in vulnera capitis principis inimicorum nostrorum : [25] quia hodie nomen tuum ita magnificavit, ut non recedat laus tua de ore hominum qui memores fuerint virtutis Domini in æternum, pro quibus non pepercisti animæ tuæ propter angustias et tribulationem generis tui, sed subvenisti ruinæ ante conspectum Dei nostri.

Português: [22] Todos porém adorando o Senhor, lhe disseram: O Senhor te abençoou com a sua fortaleza, porque êle por ti aniquilou os nossos inimigos. [23] E Ozias, príncipe do povo de Israel, lhe disse: O' filha, tu és bendita do Senhor Deus Altíssimo, sôbre tôdas as mulheres que há na terra. [24] Bendito o Senhor, que criou o Céu e a terra, que te dirigiu para cortares a cabeça ao chefe dos nossos inimigos: [25] Porque hoje engrandeceu o teu nome tanto, que nunca o teu louvor se apartará da bôca dos que se lembrarem eternamente do poder do Senhor, por amor dos quais tu não poupaste a tua vida, por causa das angústias, e da atribulação do teu povo, mas tu impediste a ruína na presença do nosso Deus.

Reflexões

Ao aplicar nossa mãe a Igreja às dores de Maria santíssima uma epístola como a referida, que está tirada do livro de Judite e contém parte dos cânticos com que celebrou o povo de Israel a magnanimidade daquela heroína, apresenta aos olhos dos fiéis duas coisas igualmente notáveis e que merecem sua reflexão. A primeira é atribuir a Maria a redenção do mundo em companhia de seu Filho Jesus Cristo, padecendo juntamente com ele todas as suas penas e tormentos e até a mesma morte. A segunda é reconhecer em seu coração uma fortaleza e constância superior à que manifestou Judite na ação gloriosa e arriscada de entrar num exército inimigo com o desígnio de cortar a cabeça a seu general, o qual levou a devido efeito com toda a felicidade que podia prometer-se. Em ordem ao primeiro, as insinuações de nossa mãe a Igreja devem ter para conosco tal recomendação de razoáveis e verdadeiras que seria um delito negar-lhes nossa veneração e nosso assenso. Mas as dores de Maria têm, além disso, a comprovação dos Padres da Igreja, que as reputam por um martírio. São Jerônimo diz que os demais Mártires o foram morrendo por Cristo; mas que Maria o foi morrendo juntamente com Cristo. Santo Ambrósio, no livro que escreveu para instrução das virgens (cap. 7), representa Maria santíssima ao pé da cruz, repassando com seus olhos as sangrentas feridas de seu Filho, por meio das quais sabia que lograva o mundo sua redenção: «E estava a piedosa Mãe, diz, com um ânimo nada indigno do sangrento espetáculo que olhava, pois não temia os homicidas. Pendia na cruz o Filho, e a Mãe se oferecia aos perseguidores, esperando se acaso com sua morte se poderia acrescentar algo ao público sacrifício; mas a paixão

de Cristo não necessitou de quem a ajudasse ou aumentasse.» Estas palavras de Santo Ambrósio justificam o piedoso título que se costuma dar à Virgem de *Corredentora* do gênero humano e são análogas às insinuações da Igreja.

Com igual razão lhe atribui esta uma constância e fortaleza nos trabalhos superior não somente à que manifestou Judite em sua gloriosa empresa, mas também à de todos os Mártires, pelo que a exalta com o epíteto de Rainha dos Mártires: São Jerônimo mede a grandeza de suas dores e tormentos pela grandeza de seu amor; e daqui infere que, havendo amado Maria a seu Filho Jesus Cristo mais que todos os Mártires, devia padecer ao pé da cruz mais dor que todos eles. Portanto, não duvida Santo Anselmo dizer num sermão da Assunção que quanto padeceram os Mártires em seus corpos pela crueldade dos tiranos foi pouco ou nada em comparação do que padeceu Maria. Sem embargo, vemos esta Senhora ao pé da cruz, onde está expirando seu Filho, com uma fortaleza portentosa. Longe dela os lamentos, longe as ações descompassadas com que manifestam o excesso de sua dor as mulheres vulgares: sente o que não é capaz de sentir uma pura criatura; mas ao mesmo tempo se manifesta em seu semblante a invicta fortaleza que sustenta seu coração. Sua vontade está perfeitamente resignada nas disposições do eterno Pai e, assim como seu Filho lhe obedece até sofrer a morte de cruz, assim também Maria junta sua obediência com a do Salvador do mundo, sofrendo seu penoso martírio com uma constância digna da Mãe de Deus. Por isso diz Santo Ambrósio na oração fúnebre do imperador Valente: «Leio que Maria estava em pé junto à cruz de seu Filho, mas não leio que chorasse.» Estas reflexões são um motivo poderoso para que o cristão adore a mão de Deus em todos os seus trabalhos e os leve com ânimo invencível.

Sequência

Stabat Mater dolorosa, etc.

Veja-se a Sexta-feira da Paixão, nos Domingos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São João.

João 19,25-27

> **Latim:** 25 Stabant autem juxta crucem Jesu mater ejus, et soror matris ejus, Maria Cleophæ, et Maria Magdalene. 26 Cum vidisset ergo Jesus matrem, et discipulum stantem, quem diligebat, dicit matri suæ : Mulier, ecce filius tuus. 27 Deinde dicit discipulo : Ecce mater tua. Et ex illa hora accepit eam discipulus in

> sua.

Português: [25] Entretanto estavão em pé junto á cruz de Jesus sua mãe, e a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clcofas, e Mar.a Magdalena. [26] Jesus pois tendo visto a sua mãe, e ao discípulo que elle amava, o qual estava presente, disse a sua mãe: Mulher, eis-ali teu filho. [27] Depois disse ao discípulo: Eis-ali tua mãe. E d'esta hora por diante a tomou o discípulo para sua casa.

Meditação

Sobre os frutos que devem causar no cristão as dores de Maria

Primeiro ponto

Considera que a contemplação das dores de Maria é um antídoto sumamente proveitoso contra todas as aflições que se padecem nesta vida e, ao mesmo tempo, um motivo para esperar com maior confiança a divina misericórdia.

As dores de Maria santíssima, bem consideradas, devem fortalecer a alma do cristão e enchê-la de soberanos consolos, por mais que as águas amargas da tribulação a tenham submergido no profundo. Porque que trabalhos podem ser os teus, ó cristão, que mereçam comparar-se com os daquela Senhora? Usurparam-te a fazenda? A Maria santíssima tiraram seu Filho, em quem estavam encerrados todos os imensos tesouros das riquezas divinas. Violaram tua honra, afeando-a com imposturas e enegrecendo-a com calúnias afrontosas? Maria santíssima tem seu Filho, que é a mesma inocência, crucificado por revoltoso, por embaidor, por um homem tão mau que queria levantar-se por Rei, e chegou a tanto o vilipêndio que chegaram a pospô-lo ao facínora Barrabás. Privaram-te de teu parente, de teu esposo ou de teu filho? Maria santíssima vê-se viúva, porque Jesus Cristo é o esposo das Virgens: tiraram-lhe um filho Deus de quem era verdadeira mãe e com ele lhe tiraram todos os bens imagináveis, pois todos se contêm na natureza divina. Padeces enfermidades, tens teu corpo coberto de chagas, afligem-te a fome, a sede, a pobreza e todas as dores? Maria santíssima vê-se desprezada de todos, sem ter modo de aliviar a sede de seu Filho nem dar-lhe sepultura, e sua bendita alma está feita o teatro mais lastimoso de quantos inventou a crueldade e do mais triste desamparo. Sem embargo disso, Maria é inocentíssima e se conforma perfeitamente com a vontade de seu Deus. Quem és tu, pois, que pretendes ter melhor sorte e maiores privilégios que esta Senhora? Que temeridade é a tua quando pretendes eximir-te dos trabalhos desta vida com uma conduta cheia de delitos? Não será mais razoável pensamento encher teu coração de uma santa tranquilidade e consolo, considerando nos trabalhos que Deus te trata como tratou sua mesma Mãe? Além disso, que nisto mesmo podes assegurar uma doce esperança das eternas recompensas. O mesmo Deus tem dito que não será coroado senão o que houver pelejado com fortaleza. O sofrimento dos trabalhos desta vida é a luta a que está prometida a palma e a vitória. Por outra parte, o haver padecido tanto a Mãe de teu Deus te

assegura de que em suas dores tens um cabedal com que pagar tuas dívidas e um repósito de merecimentos em que afiançar tuas esperanças. Maria inocentíssima, e sem a mais leve mancha de pecado, à imitação de seu Filho, não padeceu para si, mas para benefício do gênero humano. Alarga, pois, esse coração e conhece que nas dores de Maria tens todo o teu consolo e onde colocar a esperança de conseguir a vida eterna.

Segundo ponto

Considera que o mesmo Espírito Santo aconselha a continuação em contemplar as dores de Maria, propondo ao mesmo tempo os grandes proveitos de que serão participantes os que se empreguem em tão santo exercício.

Na sagrada Escritura se diz: «Não esqueças os gemidos e dores de tua Mãe, para que se aperfeiçoe em ti a graça e a bênção.» Esta continuação nas boas obras é pouco menos que essencial para receber todo o fruto que oferecem elas por si mesmas; mas nas dores de Maria faz-se inteiramente necessária. Porque de que servirá ver padecer esta Senhora no mais íntimo de sua alma e que sua dor excite nossa compaixão, se, à maneira do voo das aves e do caminho do baixel, mal deixa em nosso coração umas pequenas sinais de haver existido? De que serve trazer à memória num dia do ano que Maria, aquela Senhora inocentíssima, que é Mãe de Deus, aquela Senhora que estava cheia de dons do Espírito Santo e jamais admitiu em sua alma a mais ligeira mancha, padece por nós as mais graves dores que podem ser padecidas por pura criatura? Que proveito tiraremos dos oportunos intentos da Igreja, que celebra as dores com o fim de que nos lembremos também das de Jesus Cristo? Faz-se, pois, indispensável a continuação em contemplar uma matéria de onde nos devem resultar tantos proveitos. Porque não havemos de pensar que o aconselhar-nos o Espírito Santo a continuação e constância em contemplar as penas de nossa Mãe dolorosa tenha por objeto que estejamos sempre tristes e chorosos, exalando ais e suspiros. Não havemos de crer que é para que nos sequemos de amargura nem nos ocupem mais afetos que o pranto e a dor. Maiores proveitos nos adverte, para maiores interesses nos excita: para que se aperfeiçoe em nós, diz, a propiciação, a misericórdia e perdão de Deus, e tenha em nós inteiro cumprimento a bênção e a graça.

De quantas utilidades tão grandes e certas será possuidor o que seguir contemplando as dores de nossa Mãe e Rainha Maria santíssima! Todos quantos bons pensamentos haja causado na alma, todos se conservarão com facilidade: servir-lhe-á de um antídoto seguro, diz São Bernardino de Sena, e de um preservativo quase certo para não pecar: esta contemplação fará nele um prodigioso aumento de todas as virtudes, diz Santo Anselmo: «O fraco cobrará alentos, o aflito consolo, favor o necessitado, ajuda o desvalido, o forte mais graça, o santo mais justiça e o perfeito glória.» Vendo Maria padecer, quem recusará os exercícios penosos da vida cristã? Quem não terá os jejuns por fartura, as penitências por alívio, as enfermidades por regalo, os trabalhos da vida humana por benefícios, as lágrimas por consolo e a abstração e mortificação por gosto, doçura e contentamento? Vendo padecer Maria, quem haverá que retraia o ombro da cruz de Jesus Cristo? Quem não estará contente com sua sorte e seu estado, por penoso que seja? Quem não adorará uma mão invisível em seus infortúnios? Quem não abrirá o peito para que tomem dele posse os

cálices amargos das tribulações com que prova Deus a seus escolhidos? Além disso, que Maria santíssima o agradece, e não é como nós, que deixamos o agradecimento em mera paixão da alma, mas o explica com muitos e muito singulares benefícios e cuida de que seu santíssimo Filho nos olhe com especial cuidado. A contemplação, enfim, das dores daquela doce Senhora nos preserva do pecado, conserva a graça e nos assegura a bem-aventurança eterna.

Jaculatórias

A quem te compararei, ó Virgem filha de Sião? Em quem poderei encontrar tormento que iguale a tuas dores? (Lm 2.)

Tuas penas e angústias chegaram a uma grandeza tão excessiva que se me representam maiores que o mar. (*Ibid.*)

Propósitos

Uma das considerações mais frequentes que nos propõe nossa mãe a Igreja é a das dores de Maria santíssima. Em todas as igrejas se fazem devotos novenários com este fim piedoso: os sagrados oradores esforçam-se em seus discursos em propor as dores de Maria pintadas com as mais vivas cores que lhes podem sugerir seu zelo e sua destreza oratória. Estão sumamente multiplicadas as sagradas imagens que representam esta Senhora com todo o extremo de angústia que penetrou seu inocente coração. Mas tudo isto não costuma produzir nos fiéis outro efeito que um sentimento passageiro, que não os reforma em seus costumes. A contemplação das dores de Maria deve produzir na alma do cristão uma compaixão filial, um movimento sério e terno do coração, que acabe com uma emenda verdadeira dos delitos que infamam seus costumes. Ao pôr-se-lhes diante dos olhos uma tragédia tão lastimosa não se devem contentar com prorromper em alguns sentidos ais, com destilar algumas lágrimas, como se estivessem num teatro, ou dar a entender de outra qualquer maneira que faz mossa em suas almas a desgraça alheia; porque isto, sem um assenso à divina graça, que chama por esse meio, sem uma conversão perfeita ao bem inconmutável, fica num efeito necessário da mesma natureza. É uma explicação indeliberada do vivo e sensível que tem nossa carne: é um material sentimento causado pelo som das palavras que costumamos conceder ao mais desconhecido e ao malfeitor mais facínora. Até as mesmas fábulas e ficções trágicas, produzidas por um engenho vivo, cheio de entusiasmo, costumam tirar as lágrimas de nossos olhos; mas as lágrimas assim vertidas não são outra coisa que humor e suco que faltam à alma para que fique mais dura: testificam-nos homens, mas não nos acreditam cristãos. A compaixão que devemos tirar das dores de Maria deve terminar-se numa verdadeira dor de contrição, pela qual detestemos nossas culpas passadas e façamos um firme propósito de precaver as vindouras. Isto é o que deseja de nós a aflita Senhora, e a este fim nossa mãe a Igreja nos propõe a contemplação de suas dores. Devemos considerar aquela sentença assombrosa que disse Jesus Cristo às filhas de Jerusalém quando caminhava ao Calvário, levando sobre seus ombros todo o peso dos pecados do mundo: «Chorai, disse-lhes, sobre vós e sobre vossos filhos, porque, se isto se faz no lenho verde, que se fará no seco!» Se Maria santíssima, sendo Mãe de Deus, concebida

sem pecado, cheia de todas as graças e a mais pura e inocente que houve nem haverá nos céus nem na terra, padece tão terríveis dores que a Escritura não duvida chamá-las laços de morte e dores de inferno, que podem esperar os Cristãos carregados de iniquidades e submergidos no profundo lodo de todos os vícios? Temamos, pois, o rigor da divina justiça, e seja este saudável temor o ditoso fruto que produza em nós a consideração das dores de Maria.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:32 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:33 by Admin